

Cadernos do Território

n.º 03/2023

Série: Património Cultural Imaterial
e Estatuária Urbana



A vida nas Terras de Trás-os-Montes

*Património Cultural Imaterial:
a Memória e a História dispostas no Território pela Estatuária Urbana.*

Índice

Nota Editorial.....	2
Apresentação.....	3
Pauliteiros (Duas Igrejas).....	5
Mirandeses (Miranda do Douro).....	12
Caretos (Bragança).....	18

Nota Editorial

Com este número 3/2023 da Série Património Cultural Imaterial e Estatuária Urbana dos Cadernos do Território, a Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional: Ligando Património retoma uma publicação que tem, como o próprio indica, uma forte vocação de ligação ao território e de trabalho de campo, privilegiando temas em que o Património Cultural Imaterial (PCI) é tratado nos seus contextos materiais, paisagísticos, sociais e humanos.

Dedicado “À vida nas Terras de Trás-os-Montes”, ao Património Cultural Imaterial, à Memória e à História dispostas nesse Território pela Estatuária Urbana, este Caderno é o primeiro de uma série dedicada à estatutária urbana como património imaterial. No presente número, a investigadora Ana Paula Gil Soares apresenta vários exemplos do património transmontano que, sendo embora elementos físicos da paisagem urbana daquela região, constituem igualmente expressões da sua cultura imaterial. Com este trabalho, Ana Paula Gil Soares contribui para o conhecimento de um património que, a despeito da controvérsia de que tem sido objecto nos últimos anos, traduz valores simbólicos que merecem uma reflexão crítica.

Maria Filomena Gonçalves

Titular da Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional: Ligando Patrimónios

Universidade de Évora

Apresentação

Ao retomarmos a publicação Cadernos do Território, enquanto fonte de informação técnica e científica sobre memórias e representações do património cultural, pretendemos com esta série sobre Património Cultural Imaterial e Estatuária Urbana mostrar o funcionamento educativo e o testemunho etnológico e etnográfico das significantes obras de estatuária que embelezam os territórios e nos permitem visitar um tempo passado, e conhecer o património cultural imaterial.

Uma vez que a obra de estatuária urbana apresenta uma indelével ligação com os locais onde é implantada, afirmando-se como um marco territorial de identidade, poder, Memória e História, enquanto produção artística cognitivamente situada, tornando-se, com relativa frequência, num suporte material e plástico de aspectos importantes do Património Imaterial, através de inscrições com expressões linguísticas já pouco utilizadas, ou que já caíram em desuso, de línguas minoritárias ou reprimidas, de contos e lendas e expressões do património linguístico regional, de actividades profissionais, de danças e festividades, do folclore e da identidade imaterial linguística manifesta em provérbios, ditames e idiomatismos, propomos a sua abordagem e a sua divulgação considerando as divisões regionais do território.

Nenhum outro tipo de património urbano tem estes valores narrativos, documentais e artísticos acerca da comunidade do lugar onde se inserem tão acentuados quanto a Estatuária Urbana.

A partir da organização e divisão territorial de Portugal conforme o sistema hierárquico da nomenclatura NUTS (“Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos”), seleccionamos o Município de Miranda do Douro e a freguesia de Duas Igrejas e o Município de Bragança, pertencentes às NUTS III/ Terras de Trás-os-Montes.

A publicação dos Cadernos do Território, agora com uma atenção ao património cultural imaterial suportado materialmente na Estatuária Urbana, surge como uma necessidade premente de sensibilização para o seu estudo, e bem assim como uma forma de salvaguardar e promover os valores da diversidade cultural enquanto herança e património da humanidade.

Da mesma maneira, são fornecidos elementos para a organização de um quadro teórico de políticas culturais para o reconhecimento da Estatuária Urbana enquanto Património Cultural de Grande Valor Universal.

Ficha Técnica

Caderno do Território n. 03

Série: Património Cultural Imaterial e Estatuária Urbana

Coordenação: Maria Filomena Gonçalves

Edição e Redacção: Ana Paula Gil Soares

Fotografia e Composição: João Filipe Vieira

Publicação: Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional: Ligando Patrimónios | Universidade de Évora

ISSN 2184-6340



A – Terras de Trás-os-Montes (NUTS III)

Pauliteiros (Duas Igrejas)

Ana Paula Gil Soares



A **Dança dos Pauliteiros** é uma tradição de toda a região transmontana.

Também conhecida por **Dança dos Paulitos** ou **Dança dos Paus**, quer Leite de Vasconcellos (1933: 138) quer Ribas (1982: 85) são unânimes em considerá-la uma dança com origens guerreiras para desenvolver a força e o temperamento belicoso. Com raízes na Grécia, esta

dança pírrica seria dissipada pelos Romanos por todos os territórios do seu vastíssimo império, representando de forma naturalista as atitudes e as intenções guerreiras.

É precisamente na freguesia de Duas Igrejas, no Município de Miranda do Douro, que encontramos este conjunto estatutário em homenagem à Dança dos Pauliteiros. Composto por duas estátuas pedestres em pedra granítica, representando dois dançadores, podemos aceder através desta obra de estatuária à iconografia artística da Dança dos Paulitos, tal como registada por Leite Vasconcellos (1933: 139):

"Nas várias fitas de côres garridas e brilhantes, com que os dançadores mirandeses adornam o peito, as costas e os braços, nas plumas e palmitos dos chapéus e nos lenços de seda de várias côres, que, dobrados sôbre panos rendados, prendem à cinta, e que, chegando quâsi até ao joelho formam uma espécie de saia, parece-nos ver os ornatos e opas vermelhas que os guerreiros gregos e romanos usavam no exercício da Dança Pírrica; nos próprios Paulitos a figura das armas que lhes pendiam dos cintos de aço, e no bailado final de cada laço, com o toque das castanholas, repetidos saltos, voltas e revira-voltas e tudo o mais, um perfeito simulacro da alegria que experimentam os vencedores [...]".



Realmente, neste bonito quadro cénico que embeleza o espaço urbano da freguesia de Duas Igrejas, identificamos o traje dos pauliteiros: a saia franzida com lenço preso na cintura, o colete adornado com lenços franjados e fitas e o chapéu de aba larga com enfeites de flores e fitas, e bem assim as botas grossas. Nos paulitos de metal, verificámos *in loco* a existência dos orifícios onde são penduradas as fitas coloridas.



Desta maneira, observamos o funcionamento da estatuária urbana como documento do património cultural, registando no embelezamento do espaço exterior dos territórios o sentir da sua identidade e os laços de memória e história que reforçam e revitalizam os afectos entre as pessoas e que convidam ao deslumbramento e contemplação de todos os visitantes.

Na imagem seguinte, mostramos um apontamento do traje dos Pauliteiros e um *link* com uma actuação ao vivo dos Pauliteiros de Duas Igrejas, na XXVI Gala Nacional e Internacional de Folclore da Ilha Pombal.

Conforme à informação e à ilustração seguinte, no sítio *online* Pauliteiros de Miranda, "[...] o traje dos Pauliteiros que toma como modelo os trajes militares greco-romanos, embora estilizado. O chapéu decorado representa o capacete militar. O colete em sorrubeco trabalhado e a camisa de

linho imitam a armadura. A saia em linho trabalhada, os lenços, as meias altas em lã pura e as botas em pele, fazem referência a essa época."© 2023 Pauliteiros de Miranda. <https://pauliteiros.com/ogrupos/> [23 de Abril de 2023].



Deixamos também aqui (cf. [link em baixo](#)) uma actuação dos Pauliteiros de Duas Igrejas, na XXVI Gala Nacional e Internacional de Folclore da Ilha Pombal, em 2011:

<https://www.youtube.com/watch?v=LwBMf0lPi74>

Através do conjunto estatuário de homenagem aos Pauliteiros de Duas Igrejas, são evocados aspectos do património imaterial que se prendem com a gestualidade da dança dos pauliteiros de impressão guerreira, acentuada pelo uso dos palotes, a música e a dimensão linguística relacionada com a língua – o Mirandês. Aliás, em conformidade com as descrições anotadas em Meirinhos (2000: 232): "Os pauliteiros com sua indumentária típica não são únicos porque a dança do 'paloteio' é peninsular, mas a região da Terra de Miranda tem o mérito de conservar uma tradição que vem da dança das espadas dos celtas e a mantém com toda a sua pureza em quase todas as povoações do Planalto Mirandês."¹

Também Leite de Vasconcellos, no 1.º volume dos seus *Estudos de Filologia Mirandesa*, publicou vinte e três laços da Dança dos Paulitos (1933: 139).² "Laços" ou "lhaços", em mirandês,

1 Cf. Meirinhos, J. F. (coord.). 2000. Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho (Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999). Porto: Granito, Editores e Livradores. António Maria Mourinho (1917-1996) foi um notável etnógrafo e folclorista da cultura mirandesa a quem se deve também a recolha de músicas e cantares em mirandês coligadas nos cancionários do P.e António M. Mourinho.

2 Vasconcellos, José Leite de (dir). Revista Lusitana : Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal. Volume 31.º. 1933, N.ºs 1-4. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ª (Filhos).

são os bailados da Dança dos Pauliteiros; cada “laço” tem uma letra própria, alusiva a determinados motivos, guerreiros, religiosos, profissionais ou lendários. Segundo Leite de Vasconcellos (1900: 46), a letra dos laços varia com as localidades, quer em Espanha quer em Portugal, pelo que (e também actualmente) os laços revelam um misto de línguas – espanhol, mirandês e português. Estes são alguns versos do repertório, recolhidos por Leite de Vasconcellos (1900: 46 e ss.) a partir de um pauliteiro de Constantim:

“1. Laço de la Lliebre
Aqueilla majada abaixo
Una lliebre bi correr,
L’s galgos ibã tras
d’eilla,
No la pudiru coger;
Tu l’ atiraste, yo l’
atiré,
Ni tu la mataste,
Ni n yo la maté. [...]

4. Laço del mirondún
Mirondún, mirondún,
mirondela,
Mirondún se fué à la
guerra.
No sé cuando vendrá,
No sé se vendrá por la
pascua,
Se por la eternida(d),
Se por la eternida(d).
La eternidade se pasa,
Mirondún, mirondún,
mirondela,
La eternidade se pasa,
Mirondún se vieno (= vino)
ya.”.

11. Laço de la rosa
Se fuerdes a coger rosas
Al jardin de mi señor,
A coger la blanca flor,
Cogei de las más de bajo,
Que son de mejor olor.”.

Além de verificarmos na Dança dos Pauliteiros uma ligação indexical ao seu significado original dos bailes guerreiros, uma vez que se trata de uma arte performativa imitativa que “os homens aplicaram às práticas de índole guerreira” (Leite de Vasconcellos, 1937: 142), donde sobressai a “mímica do combate e [o] entusiasmo da luta pela vitória.” (*idem: ibidem*), notamos também neste conjunto estatuário alguns aspectos indexicais da metáfora visual da Dança dos Pauliteiros que se prendem com o verismo da representação.

De facto, observamos algumas relações de contiguidade semântica na representação dos Pauliteiros que apontam para o sentido belicoso, tais como, os paulitos que as duas estátuas de dançadores, posicionadas frente a frente, seguram em punho, reproduzindo a coreografia de atitudes e intenções guerreiras, indiciando o ataque e a defesa na guerra através do movimento de bater com os paus uns contra os outros.

Da mesma maneira, vislumbramos na representação estatuária o significado central da dança dos pauliteiros através da metáfora visual GUERRA É DIÁLOGO recriada na cultura popular através desta dança do folclore local DANÇA É DIÁLOGO, transmitida pela coreografia das figuras posicionadas numa forma de interação frente a frente gestual (e verbal). É evidente que no cenário comunicativo da Dança dos Pauliteiros, são activados os *frames* da “guerra” e do “diálogo”, cujos traços semânticos de “ataque”, “defesa” e “contra-ataque” estão presentes no enquadramento cenográfico das figuras do conjunto estatuário.

Contemplamos no verismo e naturalismo da modelação plástica desta obra de estatuária não só a característica guerreira desta dança do folclore da Terra de Miranda, marcada pela coreografia dos



passos e gestualidade agressiva sinalizada pelo uso dos palotes, os quais simulam espadas, mas também o traje, vestido unicamente por homens.

Reconhecemos nesta obra de estatuária urbana a dimensão simbólica e o notável valor documental enquanto suporte icónico e linguístico do património material e imaterial da dança dos Pauliteiros. Efectivamente, esta obra de estatuária urbana "Homenagem aos Pauliteiros da Freguesia" funciona como um instrumento educativo, preservando a memória e permitindo-nos escrever a história das pessoas e desta localidade, o

desenvolvimento sociocultural dos povos das Terras Frias de Miranda, o seu inventário linguístico e etnográfico, contribuindo, desta forma, para a salvaguarda do património cultural da região.

Numa singela placa, em aço, na base quadrangular, encontramos a inscrição "Homenagem aos Pauliteiros da Freguesia. Junta de Freguesia de Duas Igrejas, 13 de Maio de 2013", que identifica o motivo da representação para quem o desconheça e a data da sua implantação, mostrando ainda que a iniciativa foi da Junta de Freguesia.

Este é o valor de memória e civilização da estatuária urbana; este é o valor educativo da estatuária urbana – sinalizando por todos os territórios manifestações do património cultural material e imaterial e dispositivos de identidade territorial que importa conhecer e preservar.



Bibliografia

Meirinhos, J. F. (coord.). 2000. *Estudos mirandeses: balanço e orientações. Homenagem a António Maria Mourinho* (Actas do Colóquio internacional: Porto, 26 e 27 de Março de 1999). Porto: Granito, Editores e Livreros.

Município de Miranda do Douro. "Pauliteiros". <https://www.cm-mdouro.pt/pages/145> [10 de Abril de 2023].

Ribas, Tomaz. 1982. *Danças Populares Portuguesas*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/ Ministério da Educação e das Universidades. Biblioteca Breve. Lisboa: Livraria Bertrand.

Soares, A. P. Gil. 2016. *Breve apontamento sobre etnologia e etnografia comparada da estatuária urbana*. Faculdade de Letras. Lisboa: Universidade de Lisboa.
<http://hdl.handle.net/10400.26/18183>

Vasconcellos, J. Leite de (José Leite). 1900. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Quarto Centenario do Descobrimento da Índia - contribuições da Sociedade de Geografia de Lisboa. Volume I. Lisboa: Imprensa Nacional.
<https://archive.org/details/estudosdephilolo01vascuoft/page/n5/mode/2up>
Internet Archive - <https://archive.org/about/>

Vasconcellos, José Leite de (dir). *Revista Lusitana : Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*. Volume 31.º. 1933, N.ºs 1-4. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ª (Filhos).

Vasconcellos, José Leite de (dir). *Revista Lusitana : Arquivo de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*. Volume 35.º. 1937, N.ºs 1-4. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ª (Filhos).

Mirandeses (Miranda do Douro)

Ana Paula Gil Soares



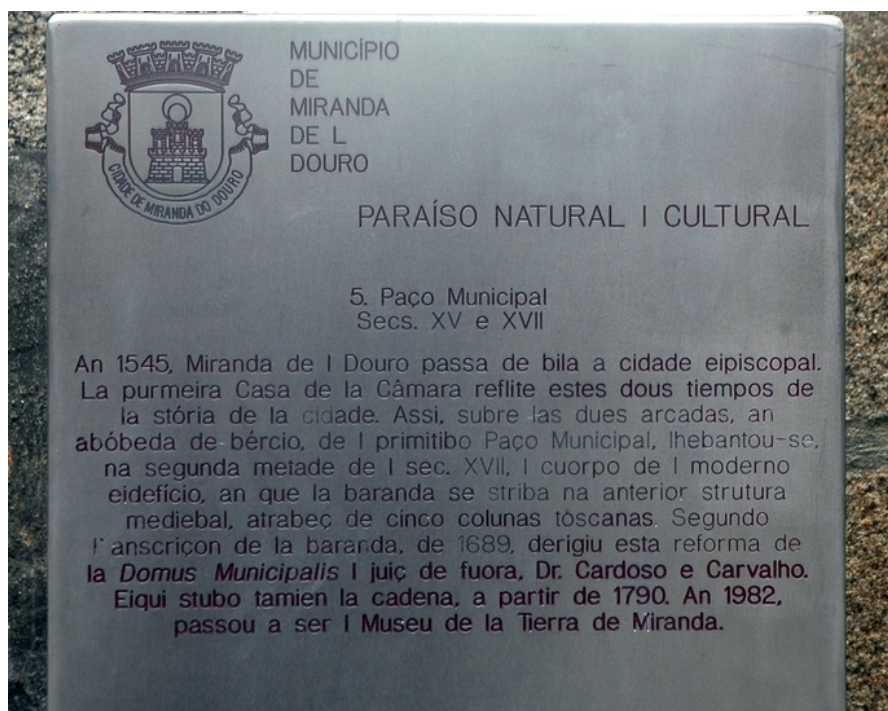
Em Miranda do Douro, no Largo D. João III, em frente à Câmara Municipal de Miranda do Douro, são os mirandeses quem anima o largo daquela que foi a mais importante cidade do território transmontano, no século XVI, elevada a cidade e capital de Trás-os-Montes por D. João III, em 1545.

Os **Mirandeses** são um conjunto estatuário composto por duas estátuas pedestres que representam um casal de mirandeses envergando o traje local. Obra do escultor José António Nobre, foi inaugurada em 2006, em *Homenagem aos Mirandeses* e às gentes do campo das Terras Frias de Miranda.

Na sua apresentação de contexto, é referenciado o património imaterial da língua mirandesa e o valor da história de Miranda do Douro, numa placa explicativa junto ao conjunto estatuário.

De todos os ângulos, e de todos os pontos de vista, ao redor deste magnífico conjunto estatuário, resultam belas composições derivadas das diferentes arquiteturas históricas que compõem a cenografia, contribuindo para valorizar plasticamente e culturalmente a histórica região de Miranda.

Na organicidade e geometria das casas tradicionais com o arco de volta perfeita nos portais e o quadrado nas janelas, vislumbramos o “**saber-fazer**” da construção das casas de outros tempos. E é neste enquadramento, que sinaliza um traço



identitário da arquitectura local, que nos deixamos surpreender pela pose natural e pela iconografia da linguagem estética do significativo monumento estatuário em *Homenagem aos Mirandeses*.

Os largos são muitas vezes locais de encontro e confraternização e é neste quadro cénico que encontramos as duas figuras, em tamanho maior do que o natural, que compõem esta significativa narrativa iconográfica que preserva a memória e transmite a História da região.



Nesta modelação naturalista, com uma geometria coesa e simplificada, notamos a importância da **tecelagem tradicional** das Terras Frias de Miranda – o **burel** – e o **traje**.

E a observação deste magnífico sítio, que celebra a história e os valores do património cultural imaterial sobre suporte material, fica ainda mais completa com uma atenção mais aproximada às estátuas.

Assim nos planos aproximados de tronco (usando a linguagem cinematográfica) destes mirandeses, contemplamos ainda mais a qualidade e a verdade dos mesmos.

A figura feminina representa a mulher mirandesa do campo, envergando o traje tradicional composto pelo

lenço atado no cimo da cabeça e o mandil (ou xaile) aos ombros e transportando os alforjes, sendo que numa das bolsas podemos vislumbrar os típicos bardeiros (as vassouras feitas em milho, comuns na região).



Na figura masculina sobressai a Capa de Honras Mirandesa, peça de artesanato tradicional do planalto Mirandês, usada pelos pastores durante o Inverno e confeccionada com burel (tecido grosseiro de lã de ovelha bordaleira).

O rigor iconográfico na representação estatuária permite-nos contemplar a enorme beleza desta peça do traje popular: as franjas que rematam o cabeção e a honra, a barra debruada na pala do capuz e as aplicações de ornamentos de burel finamente recortados.

São os factores contextuais deste monumento estatuário que relacionam as dimensões material e imaterial do património local que tornam esta obra um documento do património cultural.

De facto, nesta bela metáfora visual, identificamos os belos trajes artesanais, austeros, feitos com os recursos locais como, por exemplo, o linho e o burel.

O burel, pano grosseiro de lã de ovelha bordaleira, era usado na confecção da capa de honras e no vestuário dos boieiros para protecção nos meses mais frios e agrestes do Inverno.

O património imaterial é também documentado através da pose de diálogo das duas estátuas de bronze – o homem e a mulher da Terra Fria de Miranda – enquadradas cenicamente no largo, revelando traços do quotidiano convival nos largos dos mercados e feiras de outros tempos.



Com a excelente qualidade das estátuas e tão genuíno enquadramento urbano, que em qualquer das vistas nos transporta a uma cena local do Portugal de quinhentos e seiscentos! A pedra, as pilastras, os arcos romanos, as janelas quadradas e o frontão triangular do edifício da Câmara que se enquadram com toda a clareza numa linguagem arquitectónica de raiz clássica, evidenciando as principais figuras geométricas na sua composição, a saber, o triângulo, o quadrado e o círculo.

Assim, perante estas figuras do mirandês vestidas com os maravilhosos trajes de burel e nestes enquadramentos urbanos, somos transportados ao passado dos nossos ancestrais!

Reforçando o valor documental da metáfora visual presente na narrativa iconográfica e na linguagem estética desta bela obra de estatuária urbana em homenagem aos Mirandeses, observamos também elementos verbais iconizados numa placa com o rico património inscricional em língua mirandesa: um poema; e as informações sobre a inauguração e a identificação do escultor e da Fundação.

Las honras de la capa son beneiros
Onde ls seclos se scónden, sien saber,
Qu'alhi mánan ls segredos berdadeiros
Que la lhéngua mos bai dando a buer,
Criando l fruto maduro,
Na tierra onde stá a nacer
La senara de l feturo.

I las alforjas guárdan
Las palabras
Que na boç se fázen
Augadeira
I de mansico
Ban spargindo
L manantial de la feira.

António Bárholo Alves

Einaugurado pul Sr. Presidente de la Cámdra Municipal Eng. Manuel Rodrigo
25 de Fevereiro de 2006.

Outor: Scultor José António Nobre / Fundiçom: Bronzes de Arte Lage, Lda.

E nas marcas significantes no modelado ao bronze, esta foto aproximada, mostra a assinatura do escultor que modelou esta magnífica obra. Podemos também observar nesta foto de pormenor, a “caligrafia de superfície” com a impressividade de todo o gesto e expressão de qualidade que compõem as diferentes texturas da obra.



A excelente qualidade do material escultural apresenta todos os ingredientes que compõem a obra formativa: as estátuas em si, a assinatura no bronze e a placa de inscrições que consolida o significado das obras!

É na dimensão semiótica do significado da metáfora visual desta obra de escultura *Homenagem aos Mirandeses* que reconhecemos aspectos do património cultural material e imaterial das Terras de Miranda e que tornam esta obra um documento e um valor civilizacional.

É um sítio do património da Terra Fria de Miranda que celebra a história e promove os valores simbólicos regionais enquanto marcador territorial e instrumento educativo da cultura.



Bibliografia

Mirandeses Homenageados. Ter, 03/01/2006 - 14:48. Editor: Pressnordeste, Lda. © Jornal Nordeste <https://jornalnordeste.com/noticia/mirandeses-homenageados> [19.01.2019].

Município de Miranda do Douro. <https://www.cm-mdouro.pt/pages/109> [05.04.2023].

Soares, A. P. Gil. 2020. *Homenagem aos Mirandeses (2006), do escultor José António Nobre, em Miranda do Douro*. \\\ konstelazone // . — Estatuária urbana e temas afins — . Site no WordPress.com <https://konstelazone.wordpress.com/2020/01/17/homenagem-aos-mirandeses-2006-do-escultor-jose-antonio-nobre-em-miranda-do-douro/> [05.04.2023].

Vasconcellos, J. Leite de. 1938. *Opúsculos*. Volume VII. Etnologia (Parte II). Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

Caretos (Bragança)³

Ana Paula Gil Soares



A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, Unesco, inscreveu os Caretos de Podence, de Trás-os-Montes, em Portugal, na lista de Património Imaterial da Humanidade, em Dezembro de 2019.⁴

Em homenagem aos Caretos, encontramos junto à Avenida Cidade de León, um grande conjunto escultórico implantado numa extensa rotunda relvada e calcetada no centro.

3 Adaptado de Soares, A. P. Gil. 2016. *Breve apontamento sobre etnologia e etnografia comparada da estatuária urbana*. Faculdade de Letras. Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.26/18183>

4 Cf. Caretos de Podence, de Portugal, são Património Imaterial da Humanidade da Unesco. Nações Unidas. ONU News. 13 Dezembro 2019 / Cultura e educação. <https://news.un.org/pt/story/2019/12/1697801> [11.04.2023].

Destacam-se no conjunto duas grandes figuras de Caretos, em tamanho maior do que o natural, no círculo calcetado ao centro.

No limite exterior da rotunda, nove máscaras de aço sobre plintos de granito dispõem-se à volta das duas estátuas pedestres dos Caretos.



Esta composição escultórica que representa uma das festividades mais significativas do Nordeste Transmontano sobressai na paisagem urbana, quer pela sua grandiosidade quer pela sua viva policromia.

O monumento estatuário titulado *Homenagem aos Mascarados* é da autoria do escultor Manuel Barroco, cuja assinatura marcada no metal se vê na imagem abaixo. Foi inaugurada em 2009 e é dedicada aos Caretos do “concelho de Bragança e da zona de Zamora, realçando, [...] a cultura e a tradição das regiões fronteiriças” (Boletim Municipal da Câmara Municipal Bragança n.º 31: 57).



Este conjunto estatuário alusivo aos mascarados com as duas estátuas dos Caretos Ibéricos – o Careto da região de Zamora e o Careto do Nordeste Transmontano – adquire a importância de um documento educativo de cariz etnológico e etnográfico que nos transporta ao passado longínquo de uma cultura comum na região do Nordeste Transmontano e na região de Zamora. Através da comparação entre as duas estátuas dos Caretos deste conjunto estatuário implantado no tecido urbano, vislumbramos as relações e os laços culturais entre o Nordeste Transmontano e a região de Zamora e que permanecem na memória desta festividade da raia Ibérica.





Observamos numa das estátuas pedestres dos Caretos o traje franjado, colorido principalmente em vermelho, verde azul e amarelo, o qual cobre a cabeça, chocalhos pendurados na zona da cintura e cinturão em diagonal no peito e costas, um varapau e a inconfundível máscara com nariz pontiagudo. Ao lado desta figura que identificamos como o Careto do Nordeste Transmontano, podemos também apreciar a estátua do Careto de Espanha com o respectivo traje de palha amarelo, máscara preta de metal com barbicha e bigode, dois cornos de cabra e orelhas de lebre. Na mão direita segura um pau com uma bola vermelha atada com uma corda branca e, na mão esquerda, uma concha grande com um gancho na ponta.

soldadura de metais. Notamos que as mãos das estátuas dos Caretos são em bronze e os sapatos são em chapa de aço soldada. O traje é de chapa metálica cortada em franjas, numa clara semelhança perceptiva com o vestuário dos Caretos.

A representação escultórica dos Caretos no espaço urbano da cidade de Bragança ilustra com grande realismo a tradição dos mascarados própria da raia Ibérica durante o solstício de Inverno. Através da mestria e do conhecimento do escultor, reconhecemos nestas lindíssimas imagens de estatuária ao ar livre o testemunho etnológico e etnográfico da cultura nordestina e raiana associada ao Carnaval.



Esta obra de estatuária urbana é um documento pedagógico e educativo que permite revisitar e conhecer um tempo passado. A sua composição e modelação plástica com elementos que materialmente representam a festividade dos Caretos evocam a imaterialidade que lhe está associada – os comentários irónicos e sarcásticos de acontecimentos ou pessoas do quotidiano da



aldeia recitados em verso (loas) e os pregões casamenteiros que acompanham o desfile dos caretos pelas ruas – partilhando a memória, ensinando, preservando e transmitindo a história.

Note-se que Benjamim Pereira (1973) aponta o Nordeste Transmontano como a região de maior representatividade temática e funcional das máscaras, as quais são usadas em várias festividades desde o dia 25 de Dezembro até ao dia de Reis (06 de Janeiro) e durante o Carnaval. Na sua origem, as máscaras prendem-se com a visita dos espíritos dos antepassados mortos, assinalando ao mesmo tempo uma festa de um novo tempo que se inicia, marcando o fim do Inverno e o início da Primavera. Actualmente, estes aspectos religiosos de respeito, veneração, culto dos mortos e celebração dos ritos de regeneração da natureza mediados pelas funções



mágicas das máscaras já não estão presentes⁵. Hoje, o desfile de mascarados pelas ruas de algumas aldeias é um momento e uma festa para relembrar a história e preservar a memória.

Assim, este conjunto escultórico alusivo aos mascarados com as duas estátuas dos Caretos – o Careto da região de Zamora e o Careto do Nordeste Transmontano – adquire a importância de um documento educativo de cariz etnológico e etnográfico que nos transporta ao passado longínquo de uma cultura comum na região do Nordeste Transmontano e na região de Zamora. Através da comparação entre as duas estátuas dos Caretos deste conjunto escultórico implantado no tecido urbano, vislumbramos as relações e os laços culturais entre o Nordeste Transmontano e a região de Zamora e que permanecem na memória desta festividade.

A estátua do Careto espanhol representa o Tafarrón da região fronteiriça de Zamora, típico das aldeias de Pozuelo de Tábara e de Filandorra de Ferreras, cujo traje é feito de juncos ou palha

5 Cf. Benjamim Pereira (1973: 134-136).

de centeio, a máscara é preta com cornos de cabra e orelhas de lebre: “El Tafarrón se caracteriza por vestir una indumentaria hecha con juncos y llevar una máscara negra con cuernos de cabra y orejas de liebre.” (cf. “Personajes estafalarios inauguran el ciclo de mascaradas de invierno”. Zamora/Ritos festivos. 26/12/2011. elmundo.es [25.08.2015].

<http://www.elmundo.es/elmundo/2011/12/26/castillayleon/1324918207.html>).

Característico do Careto Tafarrón são ainda uma bola presa por um pau feita com borracha, sal e trapos com a qual bate nas pessoas e que segura na mão direita e uma concha grande com um gancho na ponta (para recolher moedas e pendurar os enchidos que lhe são oferecidos) que transporta na mão esquerda (cf. Brioso, Bernardo Calvo. "Pozuelo de Tábara - El Tafarrón". Mascaradas de Castilla y León. Ed. Junta de Castilla y León.

<http://www.jcyl.es/jcyl/patrimoniocultural/mascaradas/fichas/zamora/25%20ZA%20pozuelo%20tabara.pdf>).

Quanto à estátua do Careto português, a mesma representa o mascarado típico do Entrudo Chocalheiro da região de Trás-os-Montes. Com o rosto tapado com uma máscara de metal, madeira ou couro com nariz pontiagudo, trajando vestes franjadas e coloridas feitas a partir de mantas grossas e a cabeça coberta com um capuz, os Caretos correm e saltam freneticamente pelas ruas das aldeias durante o Carnaval, agitando os chocalhos que transportam à cintura e recitando os versos de escárnio e ironia que revisitam os acontecimentos mais notórios do quotidiano da aldeia: "Em pleno Entrudo, os 'Caretos' saem à rua em alvoroço chocalheiro, procurando sobretudo as mulheres, novas e velhas, para as 'chocalharem' e para se assumirem como os 'donos' dos espaços públicos e até dos privados – que invadem com matreirice, cumplicidade ou passiva anuência dos seus moradores." (cf. Caretos de Podence - Diabos à Solta. Figuras Enigmáticas do Nordeste Transmontano. Midoel.[*.pdf versão electrónica]).



Também Benjamim Pereira (1973: 26) regista que nesta tradição dos mascarados "Os jovens vestem-se de 'caretos' e percorrem as ruas da aldeia, amedrontando as crianças e as mulheres, sempre fazendo barulho com os chocalhos à cinta. Entram nas casas, pedindo chouriços. Depois, vão jantar todos juntos. Após a refeição, chegam as moças e começa o baile, com gaitero e tambor, ao ar livre.". O 'chocalhar' as mulheres jovens e solteiras durante o desfile pelas ruas é entendido como sinal de fertilidade. E os comentários irónicos e sarcásticos de acontecimentos ou

peças do quotidiano da aldeia – as loas – são recitados em verso e sempre acompanhados de muito barulho e gritos, chocalhadas e estrídulos.

As estátuas dos Caretos, que podemos contemplar na paisagem urbana da cidade de Bragança, representam estas figuras misteriosas, coloridas, jocosas e barulhentas que com as suas *estúrdias* e *loas* criticam e escarnecem factos e pessoas do quotidiano das aldeias locais. São tradições que pela sua prática persistente e continuada transformaram-se em costumes, mas que actualmente têm o significado de perpetuação da memória.

Por isso, este conjunto de estatuária urbana de homenagem aos mascarados, nomeadamente à festividade representada pelos Caretos na tradição raiana Nordeste de Portugal e de Zamora em Espanha, é um instrumento pedagógico e educativo importante para a descrição e entendimento do significado e da identidade desta região da Europa.



A dimensão etnológica associada ao património imaterial da língua, presente na componente verbal das loas e na linguagem emocional envolvente (os gestos, o ritmo, a articulação em verso), evocada por esta obra de arte escultórica, e a dimensão etnográfica observada na própria iconografia conferem a este conjunto de estatuária urbana o carácter de dispositivo de identidade e de documento educativo do património cultural material e imaterial da Europa.

Este significativo conjunto de estatuária urbana "Homenagem aos Mascarados" é um postal ilustrado da tradição ancestral dos Caretos, um instrumento pedagógico da cultura e um marco da identidade das gentes desta região, dando a conhecer aos turistas e lembrando aos locais a sua história, preservando a sua memória.

No sentido de preservar a memória e transmitir a história do património cultural desta festividade da raia Ibérica, a Assembleia Municipal de Podence, em 29 de Setembro de 2014, apresentou a “Proposta de reconhecimento de interesse municipal do património cultural e imaterial da Festa Caretos de Podence” (cf. Acta da Assembleia Municipal de Podence de 29.09.2014), sendo que também os Caretos de Podence apresentaram Candidatura a Património Imaterial Galaico-Português da UNESCO (cf. Caretos de Podence - Diabos à Solta. Figuras Enigmáticas do Nordeste Transmontano. Midoel.[*.pdf versão electrónica]). E é em 2019 que as Festividades de Inverno e os Caretos de Podence, de Trás-os-Montes, em Portugal, são inscritos na lista de Património Imaterial da Humanidade da Unesco.

Na imagem seguinte, os Caretos de Trás-os-Montes na rua já vestidos com os trajes, em Caretos de Podence. Wikipedia.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Caretos_de_Podence#/media/Ficheiro: [20.04.2023].



O embelezamento do espaço urbano da cidade de Bragança com este conjunto estatuário *Homenagem aos Mascarados* resulta de uma decisão ao nível do poder autárquico local, tendo a Câmara Municipal de Bragança adjudicado o projecto ao escultor Manuel Barroco, como nota a Acta n.º 20 da Reunião Ordinária da Câmara Municipal de Bragança, de 22 de Outubro de 2007.

É pois na vontade das populações que nasce esta decisão de embelezamento significativa do seu território, sinalizando através da obra de estatuária os laços de identidade que iluminam a história comum destas populações da raia Ibérica, perpetuando e descrevendo dimensões do seu património cultural imaterial.

Bibliografia

Arquivo *online* do Município de Bragança. Câmara Municipal de Bragança.

<http://www.cm-braganca.pt/pages/104> [23.08.2015]

Acta n.º 11/2004. Acta da Câmara Municipal de Bragança de 14 de Junho de 2004.

Acta n.º 20/2007. Acta da Câmara Municipal de Bragança de 22 de Outubro de 2007.

Acta n.º 8/2008. Acta da Câmara Municipal de Bragança de 29 de Abril de 2008.

Boletim Municipal n.º 31 / Agosto de 2013. Bragança: Câmara Municipal de Bragança.
[*pdf versão electrónica]

Brioso, Bernardo Calvo. "Pozuelo de Tábara - El Tafarrón.". *Mascaradas de Castilla y León*. Ed. Junta de Castilla y León.

<http://www.jcyl.es/jcyl/patrimoniocultural/mascaradas/fichas/zamora/25%20ZA%20pozuelo%20tabara> [*pdf versão electrónica]

Pereira, Benjamim. 1973. Máscaras Portuguesas. Lisboa: Museu de Etnologia do Ultramar. Junta de Investigações do Ultramar.

Soares, A. P. Gil. 2016. *Breve apontamento sobre etnologia e etnografia comparada da estatuária urbana*. Faculdade de Letras. Lisboa: Universidade de Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10400.26/18183>

Cadernos do Território n.º 03

Património Cultural Imaterial e Estatuária Urbana

Publicação: Cátedra UNESCO de Património
Imaterial | Universidade de Évora

ISSN 2184-6340

